

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ROGLEDSON SANTOS DE SOUSA

TORNAR-SE HOMEM: Adolescência e a construção da Masculinidade

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

ROGLEDSON SANTOS DE SOUSA

TORNAR-SE HOMEM: Adolescência e a construção da Masculinidade

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Francisco Francinete Leite Junior

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

ROGLEDSON SANTOS DE SOUSA

TORNAR-SE HOMEM: Adolescência e a construção da Masculinidade

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 25/06/2025

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Francisco Francinete Leite Junior

Membro: Prof.^a Indira Feitosa Siebra

Membro: Prof. Marcos Teles do Nascimento

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

TORNAR-SE HOMEM: Adolescência e a construção da Masculinidade

Rogledson Santos de Sousa¹
Francisco Francinete Leite Junior²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender os processos de construção da masculinidade durante a adolescência, considerando os impactos sociais, culturais e subjetivos que influenciam esse percurso. A pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, com foco em autores que discutem gênero, identidade, adolescência e masculinidades. Os resultados apontam que a masculinidade hegemônica, entendida como um padrão normativo baseado na força, virilidade e racionalidade, é socialmente construída e reforçada por instituições como a família, a escola e a mídia. Durante a adolescência, essa normatividade atua de forma intensa, afetando o modo como os sujeitos se percebem, se relacionam e constroem sua identidade de gênero. Constatou-se que adolescentes que não se encaixam nesse modelo vivenciam conflitos internos, sofrimento psíquico e exclusão social. Diante disso, destaca-se a importância de reconhecer a pluralidade das masculinidades e promover espaços de escuta e acolhimento que favoreçam a construção de identidades mais autênticas, empáticas e respeitosas às diferenças.

Palavras-chave: masculinidade hegemônica; gênero; adolescência; psicologia.

ABSTRACT

The aim of this study is to understand the processes of constructing masculinity during adolescence, taking into account the social, cultural and subjective impacts that influence this process. The research was carried out using a bibliographical review with a qualitative approach, focusing on authors who discuss gender, identity, adolescence and masculinities. The results show that hegemonic masculinity, understood as a normative standard based on strength, virility and rationality, is socially constructed and reinforced by institutions such as the family, school and the media. During adolescence, this normativity acts intensely, affecting the way people perceive themselves, relate to each other and construct their gender identity. Adolescents who don't fit into this model experience internal conflicts, psychological distress and social exclusion. This highlights the importance of recognizing the plurality of masculinities and promoting listening and welcoming spaces that encourage the construction of more authentic, empathetic and respectful identities.

Keywords: hegemonic masculinity; gender; adolescence; psychology.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email:

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email:

1 INTRODUÇÃO

A adolescência se mostra uma fase de desenvolvimento e construção da identidade (Papalia; Feldman, 2013), onde esses buscam a identificação com grupos que tenham ideais parecidos e, ao mesmo tempo, tendem a afastar dos grupos que vão de contra a esses ideais. Muitos desses adolescentes sofrem pressão social, muitas vezes baseadas em estigmas da masculinidade impostas por um sistema patriarcal, apresentando uma visão de que o homem é o centro de referência de um sistema que tende a colocar autoridade nas mulheres e filhos (Barbano; Cruz, 2015). Sendo assim, os adolescentes tendem a se afastar de grupos aos quais se identificam, ao buscar a identificação com os traços impostos, ou mesmo represar outros grupos (Erikson, 1972), assim trazendo para si e para os outros sofrimentos psicossociais atrelados a esses estigmas (Eccel, 2011).

Um marcador muito recorrente na vida de um adolescente, são os estigmas da masculinidade, que coloca o homem em um local de não vulnerável, assim provocando o esfriamento das suas emoções e o endurecimento dessas. Nessa perspectiva, o torna-se homem está atrelado ao afastamento daquilo que é o feminino (Connel, 2016). Essas relações de dominação e opressão relacionadas ao gênero, vem como uma forma de poder e controles dos corpos, deixando o homem em um papel de viril e sempre como “aquele que deseja”; e deixando a mulher no papel de submissão e ser o foco do desejo, “aquela que é desejada” (Rodriguez, 2019).

Essas formas de imposições de comportamentos, no âmbito brasileiro, estão muito ligadas as formas de estigmas da masculinidade, as quais estão atreladas ao modelo patriarcal – que, por sua vez, refere-se a forma que o homem tem autoridade por meio da figura paterna (Lapolli *et al.*, 2022). Para entender as masculinidades e como elas se comportam, temos que entender gênero. Quando vamos falar sobre gênero, tendemos a pensar que seria algo naturalmente relacionado ao sexo biológico. Mas, por outro lado, as primeiras definições de gênero relacionadas aos seres humanos e as formas de estar em sociedade, surgem nos anos 60 pela medicina, quando foi diferenciado os papeis sociais das formas de reproduções e formato do órgão sexual. O que se aproxima mais das definições atuais, foram quando as escritoras relacionadas ao movimento feminista, nos anos 70, usaram os termos para distinguir o que era sexo biológico e construção social (Lapolli *et al.*, 2022).

Como tudo que nos permeia são construções sociais – pois foram criadas quando percebidas e dadas nome por alguém –, a terminologia que retrata as construções de como corpos se expressam em sociedade, gênero, foi criada para dar nome a essas determinadas formas e como elas devem se comportas (Lapolli *et al.*, 2022). Mas, por se tratar de uma

construção social – como a masculinidade –, essa pode se mostrar e ser percebida de formas diferentes diante de um determinado contexto, sendo ele: cultural; econômico; histórico; social e político (Rodriguez, 2019).

Diante disso, importante entender como essas relações das formas de dominação da masculinidade baseadas em um sistema patriarcal fomenta dominação, e como esses ideais de homem masculino pode afetar o desenvolvimento biopsicossocial do adolescente. Por esses motivos, se faz necessário uma pesquisa apurada em bases de dados atuais que possam trazer um entendimento da construção e configuração dos aspectos subjetivos da masculinidade em adolescentes. Pois esses aspectos se mostram muito presentes em regiões onde se tem uma visão de homem dominador, protetor e não frágil, e que de modo geral traz sofrimento aos adolescentes que estão passando pela fase de construção da sua personalidade.

Nesse sentido se faz necessário uma leitura dos estudos atuais do meio acadêmico para revisar o que esses trazem sobre determinado tema, uma vez que esses aspectos tendem a se modificar com a época e o ambiente. Para que esse estudo possa ser utilizado para produções futuras, pois há uma presença forte de sofrimentos social a grupos minoritários atrelado ao respectivo tema, buscando assim a promoção de saúde mental a esses grupos afetados, pois há grandes críticas atreladas ao tema da masculinidade e como ela se comporta no meio psicossocial.

Justifica-se a relevância deste estudo diante da necessidade de compreender como esses padrões de masculinidade afetam o desenvolvimento dos adolescentes e de que maneira contribuem para o sofrimento psíquico, a negação da própria identidade e a reprodução de desigualdades de gênero. Ao evidenciar os impactos da masculinidade hegemônica sobre os sujeitos em formação, a pesquisa contribui para a ampliação do debate sobre saúde mental, diversidade, educação e equidade de gênero. Além disso, busca fomentar reflexões no campo da Psicologia e das Ciências Humanas sobre formas mais plurais, empáticas e saudáveis de vivenciar as masculinidades, promovendo o acolhimento e o respeito à diferença.

Deste modo a pesquisa se inicia a partir da seguinte pergunta: Como os estereótipos da masculinidade afeta a construção social dos adolescentes? Diante disso, esse estudo tem como objetivo geral compreender as relações entre a construção social em adolescentes e como os marcadores do masculinidade afetam esse processo. Tem como os seus objetivos específicos: Procura investigar como ocorre a compreensão do que é gênero e masculinidade em adolescentes. Visa compreender os efeitos de um estereótipo de gênero impostos por uma sociedade fortemente patriarcal. Identificar as relações dos estigmas da masculinidade e de gênero no desenvolvimento do adolescente. Por fim, problematizar como esses estereótipos

afetam os adolescentes em sua construção, seu desenvolvimento, seus comportamentos e nos âmbitos sociais em que ele pertence.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. A pesquisa bibliográfica foi escolhida por utilizar fontes secundárias já publicadas, como artigos científicos, livros e documentos acadêmicos que discutem a construção da masculinidade durante a adolescência. A abordagem qualitativa se justifica por possibilitar uma compreensão aprofundada dos significados, representações e sentidos atribuídos ao fenômeno estudado, permitindo uma análise interpretativa dos dados levantados. O levantamento teórico foi realizado por meio de uma revisão narrativa da literatura, conforme propõem Vosgerau e Romanowski (2014), que permite a integração e interpretação de produções científicas relevantes sem a rigidez metodológica da revisão sistemática, sendo adequada para a compreensão crítica de temáticas amplas e multifatoriais, como as masculinidades.

As buscas foram realizadas nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e Portal de Periódicos da CAPES. Foram utilizadas como palavras-chave os termos: “Masculinidade hegemônica”, “Gênero”, “Adolescência” e “Psicologia”. Os critérios de inclusão utilizados para a seleção dos materiais foram: artigos publicados entre os anos de 2017 a 2024; textos anteriores a esse recorte temporal também foram considerados, desde que apresentassem pertinência teórica e relevância para a compreensão da temática; os materiais selecionados deveriam estar disponíveis em língua portuguesa (ou com tradução acessível), ser provenientes de fontes acadêmicas confiáveis e apresentar relação direta com o tema investigado. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados materiais que, mesmo atendendo aos critérios formais de publicação, não apresentavam relação objetiva com a problemática abordada, bem como textos excessivamente técnicos sem aplicabilidade à Psicologia, ou ainda conteúdos sem revisão por pares.

Os dados obtidos a partir da leitura dos materiais foram organizados e interpretados por meio da análise de conteúdo temática. Esta técnica possibilitou a identificação de categorias centrais sobre os processos de construção da masculinidade em adolescentes, os estereótipos de gênero e os atravessamentos socioculturais envolvidos. A análise visou compreender como as representações sociais da masculinidade influenciam no

desenvolvimento psicossocial do sujeito, a partir do discurso presente na literatura científica contemporânea.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1 Adolescência, desenvolvimento e seus marcadores

A adolescência é um estágio biopsicossocial do ser humano. O Dicionário Priberam a define como a "fase da vida humana entre a infância e a idade adulta, aproximadamente entre os 12 e os 18 anos, que se caracteriza por mudanças físicas e psicológicas que ocorrem desde a puberdade até ao completo desenvolvimento do organismo". De forma similar, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu Art. 2º da Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, também delimita a adolescência como o período que se inicia por volta dos 12 anos e se estende até os 18 anos incompletos, sucedendo à infância. A partir da Psicologia do Desenvolvimento percebemos ser um período marcado por mudanças físicas, cognitivas e psicossociais. Erick Erickson (1972 *apud* Papalia; Feldman, 2013), traz que a adolescência diz respeito a construção da identidade versus a difusão de papéis. Nessa fase tendemos a se identificar ou não com a nossa realidade. Esse é um momento crucial para o desenvolvimento, pois nela que temos as experiências e tomamos decisões que se fazem muito importantes e refletem na futura vida adulta.

A adolescência é um período propício ao crescimento físico, cognitivo e social, marcado por transformações que impactam diretamente esses mesmos aspectos do desenvolvimento. Dentre essas mudanças, destacam-se as alterações hormonais, como a fase do estirão, caracterizada pelo crescimento acelerado e desigual dos membros do corpo. Esse processo interfere diretamente na percepção corporal do adolescente, exigindo a construção de uma nova imagem de si (Papalia; Feldman, 2013; Moreira *et al.*, 2012). O adolescente ao passar por essa fase, sente grandes estranhezas devido a tais mudanças de sua imagem corporal, passando por um processo de luto pela perda da sua antiga imagem corporal e seus antigos papéis relacionados a fase da infância (Garcia *et al.*, 2017).

Vygotsky (1984) considera o adolescente um ser social e histórico, que está organizado uma unidade biológica, física, psíquica, mental e cultural. Também salienta que esse ser inserido em seu contexto, avança em seu desenvolvimento. Levando em consideração os aspectos sociais e culturais, Wallon traz que essa é de extrema importância, pois o adolescente mostra-se indeciso nas suas relações sociais, tendendo a buscar identificações

com grupos em aos quais se identifica, ao mesmo tempo que tende a se afastar de regras e ao controle dos pais (Santos; Dinis, 2013).

Durante a adolescência, é comum que o indivíduo esteja em constante busca por pertencimento, procurando grupos com os quais se identifique e onde possa se sentir incluído. Suas escolhas e decisões são fortemente influenciadas pelo meio social ao qual pertence (Erikson, 1972). Diante dos conflitos internos que surgem nesse processo de construção identitária e da pressão social exercida sobre o adolescente, é frequente o surgimento de comportamentos de risco, como transtornos alimentares, uso abusivo de substâncias psicoativas e envolvimento em situações perigosas, que aumentam sua condição de vulnerabilidade (Dos Reis *et al.*, 2013; Papalia; Feldman, 2013). Ao analisar a situação de vulnerabilidade vivida pelo adolescente, é necessário considerar as diversas circunstâncias que o cercam, como suas condições sociais, culturais e emocionais (Dos Reis *et al.*, 2013).

Se a adolescência é uma fase biopsicossocial do desenvolvimento do ser humano, e é construída conforme a época e o local. A puberdade, diferente da adolescência, é uma fase biofisiológica do desenvolvimento, onde tem mudanças expressivas no corpo e o início da capacidade de reprodução (Lourenço; Queiroz, 2010). O que não quer dizer que sejam fases diferentes, mas sim, a puberdade sendo uma parte da adolescência. É um processo que ocorre em média entre 2 e 6 anos, e é marcado por um crescimento somático acelerado, maturação dos caracteres primários (gônadas e genitais), aparecimento dos caracteres secundários (Domingues, 2010; Lourenço; Queiroz, 2010).

Existem diferenças no processo de puberdade entre os meninos e as meninas, mas podemos dizer que a puberdade em si tem início com os surgimentos dos caracteres secundários (Lourenço; Queiroz, 2010). Levando em consideração uma fase puberdade normal, sem nenhum desvio no processo (precoce, tardia, ou mesmo a prolongada). A puberdade entre as meninas se dá por volta dos 11 anos, com a produção dos dois hormônios nos seus ovários, o estrogênio e a progesterona, que vão atuar nas mudanças das características femininas, no ciclo menstrual, e na produção dos óvulos (e manutenção da gravidez caso ocorra) (Medeiros *et al.*, 2021).

Já nos meninos acontece por volta dos 12 anos, com a produção do hormônio da testosterona nos testículos que se dispersa e circula na corrente sanguínea (Lourenço; Queiroz, 2010; Medeiros *et al.*, 2021). Ocorrem mudanças nas características corporais, começa a ter estímulos sexuais mais vigentes. Mudanças corporais comuns em ambos os gêneros/sexo, são os pelos pubianos e engrossamento dos pelos do corpo (normalmente nos meninos também começam a ter em seu rosto), mudanças na voz, estirão da adolescência com o crescimento ósseo e crescimento corporal brusco e mudanças na genital (Lourenço; Queiroz, 2010).

Além do processo hormonal, processo puberal também é afetado por questões socioeconômicas, psicossociais, climáticas e nutricionais (Lourenço; Queiroz, 2010). Perante isso, todos os indivíduos tendem a passar por esse período em épocas diferentes e de formas diferentes segundo o meio em que ele se encontra. Juntamente com a fase do crescimento ósseo do período puberal, o estirão, traz um crescimento não-linear e distal-proximal das partes do corpo, começando nas partes mais periféricas e seguindo para as partes central-superiores do corpo, de forma desarmônica e desproporcional e sem muito ganho de peso aparente (Papalia; Feldman, 2013). Junto a isso, a construção de uma nova imagem corporal é permeada de uma busca de um corpo perfeito, que por muitas vezes são fantasiosas e impostas por um padrão inalcançável, baseados nas suas vivências (Frois; Moreira; Stengel, 2011).

As mudanças que ocorrem de forma intensa durante a adolescência geram impactos significativos no desenvolvimento psicológico do indivíduo. Esse período é marcado por oscilações de humor, inseguranças em relação à autoimagem, surgimento de ansiedades e dúvidas sobre o futuro. Além dos aspectos emocionais, o adolescente passa a questionar a qual grupo pertence, enfrenta conflitos de identidade e busca por figuras de referência e vínculos de confiança, dentro e fora do seu círculo social. Do ponto de vista cognitivo, há um avanço no pensamento abstrato e na capacidade de reflexão crítica, o que amplia a percepção de mundo, mas também pode gerar angústias frente às novas responsabilidades e possibilidades. Psicossocialmente, o sujeito enfrenta desafios relacionados à aceitação social, às normas culturais e às expectativas familiares, vivenciando situações de tensão entre a necessidade de autonomia e o desejo de pertencimento. Em muitos casos, esse conjunto de transformações pode favorecer comportamentos impulsivos, episódios de agressividade ou crises existenciais, exigindo atenção ao cuidado com a saúde mental nesse estágio do desenvolvimento (Lourenço; Queiroz, 2010; Papalia; Feldman, 2013; Santrock, 2014).

2.2.2 A construção social das masculinidades e os esteriótipos de gênero

A masculinidade não pode ser entendida como uma categoria única e homogênea. Por isso, adota-se o termo no plural — masculinidades — para destacar a diversidade de formas de ser homem nas diferentes culturas e contextos históricos. Entre essas expressões, destaca-se a masculinidade hegemônica, que se configura como o modelo dominante e normativo, associado à virilidade, à força, ao autocontrole emocional e ao poder sobre os demais, especialmente sobre mulheres e outros homens que não se enquadram nesse padrão (Connell, 2016). De acordo com Gaspodini *et al.* (2017), os marcadores sociais como etnia, classe,

orientação sexual e características corporais também atravessam a construção da masculinidade, compondo uma pluralidade de experiências. No entanto, prevalece socialmente o ideal de homem branco, heterossexual, cis gênero e pertencente à classe média, que se constitui como referência dominante nas relações de gênero.

Culturalmente, o sexo é atribuído de forma compulsória no nascimento, determinando desde cedo os papéis sociais esperados para meninos e meninas. Gênero, portanto, é construído socialmente com base nas normas culturais que regulam o comportamento conforme o sexo biológico (Scott, 1990). A masculinidade, nesse contexto, é ensinada desde a infância por meio da família, da escola, da mídia e das instituições sociais, sendo constantemente reafirmada por discursos que valorizam a força, a racionalidade e a repressão emocional nos meninos (Lapolli *et al.*, 2022). Connell (2016) aponta que o capitalismo, como sistema patriarcal – que coloca as atividades masculinas como superiores e de valor maior que as femininas – também contribui para essa construção, ao associar a identidade masculina à produtividade, à competitividade e à capacidade de sustento da família, reforçando a ideia de que o homem deve ser forte, trabalhar desde cedo e agir com firmeza.

Essa socialização de gênero impõe sobre os meninos uma pressão contínua para que se ajustem aos modelos estabelecidos, resultando em impactos significativos na formação da identidade durante a adolescência. Para os que não se identificam com esse padrão, o processo pode gerar sofrimento psíquico, confusão de identidade e sentimento de exclusão (Rodriguez, 2019). A construção da masculinidade, nesse sentido, muitas vezes se dá por oposição ao feminino, o que leva à negação de comportamentos considerados frágeis ou sensíveis. Segundo Braatz (2021), esse processo reforça uma masculinidade que valoriza a dureza emocional, o distanciamento afetivo e o desprezo pelas expressões tidas como femininas.

Desde os primeiros anos de vida, meninos e meninas, na sua maioria, são educados de forma distinta. Enquanto as meninas são direcionadas para atividades relacionadas ao cuidado, como brincar de boneca ou de casinha, os meninos são incentivados a participar de jogos competitivos, de força e de resistência física. Esse processo de diferenciação é um dos mecanismos pelos quais a masculinidade hegemônica se reproduz, limitando as possibilidades de expressão emocional dos meninos e restringindo a liberdade de ser de forma autêntica (Connell, 2016; Gaspodini *et al.*, 2017). Ainda na adolescência, é comum prevalecer o discurso de que “homem não chora”, o que reforça a ideia de invulnerabilidade e dificulta o acesso à saúde mental.

Para os adolescentes que não se identificam com esse modelo normativo, as consequências são ainda mais duras. A busca por aceitação social pode levar à negação de si, ao isolamento e ao sofrimento emocional. Além disso, a manutenção do privilégio do homem

branco, cis gênero e heteronormativo faz com que esse grupo se beneficie do sistema patriarcal, ao mesmo tempo, em que sustenta discursos de exclusão e violência contra aqueles que divergem do padrão estabelecido (Gaspodini *et al.*, 2017; Rodriguez, 2019). Crianças e adolescentes que expressam comportamentos tidos como femininos são frequentemente alvo de piadas, rejeições e discriminações por parte dos colegas e até mesmo da família, o que reforça os efeitos do machismo estrutural.

O machismo, nesse contexto, pode ser entendido como uma prática de valorização exclusiva do masculino em detrimento do feminino. Essa lógica contribui para a perpetuação da ideia de que homens são naturalmente superiores às mulheres e que devem reafirmar essa posição de poder por meio de comportamentos agressivos, autoritários ou sexualmente dominadores (Rodriguez, 2019; Connell, 2016). Desde a infância, meninos aprendem o que é ser “macho” com base em discursos que associam masculinidade à negação da feminilidade. Dependendo dos grupos de socialização em que estão inseridos, esses comportamentos machistas são reforçados e intensificados na adolescência, podendo se cristalizar na vida adulta.

Entre as consequências da socialização machista estão os comportamentos de risco, como envolvimento em situações violentas, exposição a perigos desnecessários, negligência com a própria saúde e dificuldade de expressar vulnerabilidades. Segundo Fioravante e Schmidt (2018), tais atitudes são construídas como formas de reafirmação da masculinidade e acabam gerando prejuízos físicos, emocionais e sociais para os homens. A rejeição ao cuidado e à demonstração de sentimentos torna-se, paradoxalmente, uma forma de fragilidade oculta pela fachada da força.

No caso da LGBTfobia, essa lógica machista se intensifica. Muitos adolescentes, na tentativa de evitar qualquer associação com comportamentos considerados “afeminados”, assumem posturas excessivamente rígidas, violentas ou preconceituosas. Essa atitude, além de comprometer o desenvolvimento emocional desses sujeitos, também contribui para a perpetuação da violência contra pessoas LGBTQIA+, reforçando a ideia de que a masculinidade só é válida quando alinhada ao modelo heteronormativo (Rodriguez, 2019; Braatz, 2021). A negação da própria sensibilidade e da diversidade humana acaba por gerar sofrimento tanto para quem é alvo quanto para quem reproduz o discurso de ódio.

A adolescência, portanto, é uma fase crucial para o desenvolvimento da identidade de gênero e da sexualidade. Trata-se de um momento em que o indivíduo vivencia descobertas, experimentações e reformulações de si, entrando em contato com o novo e com diferentes formas de existir. Segundo Braatz (2021), a construção da masculinidade, nesse contexto, é atravessada por valores históricos e culturais que influenciam diretamente na forma como os

adolescentes se veem e se relacionam com o mundo. A reprodução do modelo de homem “ másculo ” é resultado de um processo histórico de dominação e exclusão, que ainda se reflete nas experiências subjetivas da juventude.

Compreender a construção da masculinidade exige, portanto, uma análise dos atravessamentos sociais, culturais e afetivos que incidem sobre os adolescentes. Fatores como classe social, etnia, religião, território e relações familiares influenciam diretamente na forma como os sujeitos constroem sua identidade de gênero. Conforme Braatz (2021), a masculinidade é, nesse sentido, uma construção marcada por oposição ao feminino, sendo definida a partir de normas sociais que determinam como o homem deve sentir, agir e se expressar. A virilidade, a força e a coragem são percebidas como qualidades inatas ao sujeito masculino, embora sejam valores socialmente ensinados e reforçados.

A identidade de gênero, por sua vez, refere-se à forma como o sujeito se percebe e é percebido como masculino ou feminino, conforme os significados atribuídos a esses termos em sua cultura (Zambaro; Heilborn, 2012). Esse processo é construído ao longo da vida, por meio das experiências e das representações sociais que moldam a forma como o indivíduo se entende e é entendido pelos outros. Woodward (2012) argumenta que a representação social é um elemento central na formação das identidades individuais e coletivas, pois define os lugares de pertencimento e os modos de existir. Assim, refletir sobre a construção da subjetividade masculina implica considerar as práticas cotidianas, os discursos sociais e as experiências afetivas que moldam a masculinidade ao longo do desenvolvimento.

2.2.3 Marcadores da masculinidade no desenvolvimento do adolescente

Ao longo do desenvolvimento humano, estigmas sociais estão constantemente presentes, sendo a masculinidade um dos marcadores mais recorrentes em sociedades organizadas sob a lógica patriarcal. Desde antes do nascimento, a identificação do sexo biológico já mobiliza expectativas sociais, culturais e simbólicas sobre o comportamento e o futuro daquele indivíduo. A partir da designação do sexo, familiares e pessoas próximas projetam características, atividades, espaços e papéis que reforçam padrões tradicionais de gênero (Carvalho; Melo, 2019). Essas expectativas geram um roteiro pré-determinado sobre o que é “ ser homem ” ou “ ser mulher ”, o qual muitas vezes se sobrepõe às particularidades subjetivas do sujeito em formação.

A educação recebida durante a infância e adolescência, na sua maioria, é fortemente influenciada por esse modelo patriarcal, que estabelece funções distintas para meninos e meninas. Enquanto os meninos são socializados para assumir lugares de força, virilidade,

racionalidade e provedorismo, as meninas são ensinadas a ocupar espaços de cuidado, afeto e submissão (Connell, 2016). Essa diferenciação é reiterada cotidianamente por meio de práticas familiares, escolares e sociais, produzindo desigualdades que, embora naturalizadas, geram exclusões para aqueles que não se encaixam nos moldes esperados. Como afirmam Gaspodini *et al.* (2017), essa normatização da masculinidade hegemônica contribui para a reprodução de estruturas de poder que colocam determinadas expressões de masculinidade como legítimas, e outras como desviantes ou inferiores.

É importante compreender que as masculinidades são múltiplas, interseccionadas por marcadores como raça, classe, orientação sexual, deficiência, idade, religião e território. O conceito de interseccionalidade, cunhado por Crenshaw (2002), contribui para entender como essas categorias sociais se sobrepõem, produzindo experiências singulares de opressão ou privilégio. Cada sujeito vivencia a experiência de “ser homem” de acordo com o contexto social, cultural e histórico em que está inserido. Para os adolescentes, essa pluralidade pode gerar conflitos identitários, especialmente quando os modelos de masculinidade transmitidos pelos pais, cuidadores e instituições se distanciam das realidades e desejos vividos por eles. A diferença geracional, associada às transformações sociais contemporâneas, provoca tensões entre os discursos herdados e os novos modos de subjetivação (Pratta; Santos, 2007).

Esses conflitos intergeracionais afetam diretamente a construção da autoestima e o sentimento de pertencimento dos adolescentes, sobretudo quando há imposições rígidas sobre como devem agir, sentir ou se expressar. A masculinidade hegemônica impõe um tipo ideal de sujeito masculino, tornando invisíveis ou indesejáveis outras formas de existência. Isso dificulta o reconhecimento da diversidade e compromete o desenvolvimento emocional e identitário dos jovens. Além disso, tais imposições influenciam na construção da subjetividade, nas relações interpessoais e na forma como os adolescentes se posicionam no mundo (Carvalho; Melo, 2019). A sensação de não pertencer ao ideal imposto pode resultar em sofrimento psíquico, isolamento social e comportamentos autodestrutivos.

Um dos principais instrumentos utilizados na reprodução dos modelos hegemônicos de masculinidade são as mídias. Programas televisivos, filmes, músicas e redes sociais disseminam, com frequência, representações que reforçam a virilidade, o domínio emocional, a competitividade e a heterossexualidade compulsória como traços essenciais do “homem de verdade”. Embora essas plataformas também possam funcionar como espaços de resistência e desconstrução de estigmas, como apontam Fioravante e Schmidt (2018), ainda predominam discursos que legitimam a dominação masculina e a exclusão de corpos dissidentes. Essas mensagens são internalizadas desde a infância e reforçadas na adolescência, momento em que o sujeito está mais vulnerável à pressão por pertencimento e reconhecimento.

A representação midiática de masculinidades está, frequentemente, ancorada na figura do “homem ideal”: forte, heterossexual, competitivo, sexualmente ativo e emocionalmente inabalável. Essa construção simbólica cria um padrão inalcançável para muitos adolescentes, gerando frustrações, inseguranças e sentimentos de inadequação. Gaspodini e Jesus (2020) destacam que a exposição constante a esses modelos não apenas reforça desigualdades de gênero, mas também contribui para a manutenção de sistemas de opressão e violência simbólica, dificultando a expressão de outras formas de ser homem.

A internalização desses padrões pode gerar efeitos prejudiciais ao bem-estar dos adolescentes. O medo de parecer fraco ou diferente leva muitos a reprimir emoções, adotarem comportamentos de risco ou se submeterem a situações de violência para reafirmar sua masculinidade diante do grupo (Rodríguez, 2019). Isso evidencia a rigidez das normas de gênero e o custo psíquico de tentar se adequar a elas. A crença na superioridade do masculino, construída e reforçada socialmente, está diretamente relacionada à perpetuação de práticas de dominação, à naturalização da violência e à negação da vulnerabilidade. Como afirmam Braatz (2021) e Connell (2016), tais práticas não são naturais, mas historicamente moldadas, sendo possível desconstruí-las por meio de processos educativos e reflexivos.

Nesse sentido, torna-se fundamental reconhecer e valorizar a pluralidade das masculinidades. Criar espaços de escuta, acolhimento e reflexão crítica sobre gênero e masculinidade é uma estratégia eficaz para que adolescentes possam construir identidades mais livres e autênticas. Tais espaços, quando oferecidos em instituições educativas, serviços de saúde, projetos sociais ou no próprio ambiente familiar, favorecem a abertura ao diálogo, à empatia e à superação de estigmas. A psicoeducação e a atuação de profissionais da psicologia também se mostram fundamentais na mediação de conflitos internos e na promoção da saúde mental dos jovens em processo de identificação de gênero (Gaspodini; Jesus, 2020; Fioravante; Schmidt, 2018).

Em um mundo marcado pela diversidade e pela busca por justiça social, é preciso compreender que a masculinidade não é uma essência imutável, mas uma construção em constante transformação. Permitir que adolescentes explorem suas identidades sem medo de julgamentos é uma forma de romper com os ciclos de violência e exclusão que ainda persistem. Desnaturalizar o modelo hegemônico é abrir caminhos para que novas masculinidades possam emergir — mais afetivas, cuidadoras, plurais e respeitadas com a diferença (Nogueira *et al.*, 2020).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender como a masculinidade é construída socialmente durante a adolescência, considerando os impactos dos estereótipos de gênero e os atravessamentos culturais, históricos e institucionais que influenciam esse processo. A partir da análise bibliográfica, foi possível constatar que a masculinidade, longe de ser uma essência natural ou imutável, é uma construção social e histórica, marcada por normas de gênero que delimitam formas específicas de ser e existir no mundo.

Verificou-se que a masculinidade hegemônica — associada à força, à virilidade, à heterossexualidade compulsória e à negação da vulnerabilidade — é reproduzida desde a infância por meio da família, da escola, da mídia e de outras instituições sociais. Na adolescência, esse modelo se intensifica, impondo aos meninos a necessidade de corresponder a um ideal muitas vezes inalcançável, o que pode gerar sofrimento psíquico, comportamentos de risco, baixa autoestima, repressão emocional e dificuldade de pertencimento. Para aqueles que não se identificam com esse padrão — seja por questões de orientação sexual, identidade de gênero, ou por expressarem masculinidades alternativas — o processo pode ser ainda mais doloroso, levando à exclusão, à discriminação e à violência simbólica ou direta.

A pesquisa também evidenciou a importância de se reconhecer a pluralidade das masculinidades, levando em consideração os marcadores sociais da diferença, como raça, classe, território, deficiência e religiosidade. Compreender que existem múltiplas formas de ser homem contribui para o enfrentamento do machismo estrutural e da LGBTfobia, e permite que adolescentes vivenciem sua identidade de forma mais livre, crítica e autêntica. Além disso, destaca-se a urgência de criar espaços de escuta, acolhimento e diálogo em ambientes educativos, familiares e institucionais, que favoreçam a construção de uma masculinidade menos opressora e mais saudável, baseada na empatia, na afetividade e no respeito às diferenças.

Por fim, este trabalho convida à reflexão sobre o papel das práticas psicossociais na desconstrução de estereótipos de gênero e na promoção de novas formas de subjetivação masculina. Sugerem-se, como desdobramentos futuros, a realização de pesquisas com adolescentes em contextos específicos — como escolas públicas, periferias urbanas ou comunidades tradicionais — a fim de aprofundar a compreensão das masculinidades em sua diversidade. A desconstrução do modelo hegemônico não é apenas uma demanda individual, mas um compromisso coletivo com a justiça social, a equidade de gênero e o cuidado com a saúde mental de meninos e homens em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ANSELMINI, Luciana et al. Determinantes precoces de problemas de atenção e hiperatividade na adolescência: a visita de 11 anos da coorte de nascimentos de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, 1993. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 26, p. 1954-1962, 2010.

BARBANO, L.; CRUZ, D. M. C. da. MACHISMO, PATRIARCALISMO, MORAL E A DISSOLUÇÃO DOS PAPÉIS OCUPACIONAIS. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, [S. l.], v. 3, n. 3, 2015. DOI: 10.18554/refacs.v3i3.1097. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/1097>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 2.616, de 12 de maio de 1998. Estabelece diretrizes e normas para a prevenção e o controle das infecções hospitalares. **Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil**. Brasília, 13 mai. 1998.

BRAATZ, V. Adolescência e construção de gênero: a difícil travessia. Curitiba: Appris, 2021.

CARVALHO, S.; MELO, S. Subjetividades masculinas: tensões, trânsitos e deslocamentos. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 2, n. 4, p. 11–29, 2019.

CEARÁ. Conselho de Educação. Resolução nº 412, de 2 de Maio de 2006. **Diário Oficial do Estado**, Fortaleza, CE, v. 9, n. 81, 2 Mai. 2006. 66

CONNELL, Raewyn. Masculinidades. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171–188, 2002.

DE BASTOS BRAATZ, Marcia; DA FONTOURA WINTER, Gabrielly. “Eu não faço nada que seja do sexo contrário”: Narrativas de adolescente sobre as construções do masculino, 2021.

DOS REIS, Dener Carlos et al. VULNERABILIDADES E NECESSIDADES DE ACESSO À ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NA ADOLESCÊNCIA. **Ciencia, Cuidado e Saude**, v. 12, n. 1, 2013.

ECCEL, C. S.; GRISCI, C. L. I. Trabalho e Gênero: a produção de masculinidades na perspectiva de homens e mulheres. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, RJ, v. 9, n. 1, p. 57

a 78, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/cadernosebape/article/view/5191>. Acesso em: 11 abr. 2025.

ERIKSON, Erik H. *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FIORAVANTE, S.; SCHMIDT, M. Gênero, masculinidades e mídias: discursos e representações. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 1, p. 1–15, 2018.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, Franciele Fagundes et al. As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 31, p. 258-264, 2013.

FROIS, Erica; MOREIRA, Jacqueline; STENGEL, Márcia. Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. **Psicologia em estudo**, v. 16, p. 71-77, 2011.

GASPODINI, Icaro Bonamigo et al. Masculinidades em diálogo: Produção de sentido a partir de marcadores sociais da diferença. **Mudanças–Psicologia da Saúde**, v. 25, n. 1, p. 17-25, 2017.

GASPODINI, Icaro Bonamigo. *Preconceito contra diversidade sexual e de gênero e prática clínica em psicologia*. 2017.

GASPODINI, B; JESUS, T. Masculinidades e juventudes: experiências plurais de ser homem. In: NOGUEIRA, Cláudio *et al.* (Orgs.). **Masculinidades: teorias, políticas, experiências**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 205–223.

LAPOLLI, Eduardo *et al.* *Gênero, masculinidades e saúde: uma leitura interseccional*. São Paulo: Hucitec, 2022.

LOURENÇO, Benito; QUEIROZ, Lígia Bruni. Crescimento e desenvolvimento puberal na adolescência. **Revista de Medicina**, v. 89, n. 2, p. 70-75, 2010.

PAPALIA, Diane; FELDMAN, Ruth Duskin. Desenvolvimento humano. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PRATTA, Elisabete Maria Machado; SANTOS, Manoel Antônio dos. Adolescência e juventude: uma abordagem psicossocial. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 11–22, 2007.

RODRIGUEZ, Janine. Masculinidades e saúde mental: entre o silêncio e a vulnerabilidade. In: BRANDÃO, Eliane *et al.* (Orgs.). *Subjetividades em movimento: juventudes, sexualidades e saúde*. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 147–166.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Welson Barbosa; DINIS, Nilson Fernandes. Adolescência heteronormativa masculina: entre a construção “obrigatória” e desconstrução necessária. **OP SIS**, v. 13, n. 2, p. 129-149, 2013.

SANTROCK, John W. *Adolescência*. 14. ed. São Paulo: AMGH, 2014.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5–22, 1990.

SANT’ANNA RAMOS VOSGERAU, Dilmeire; PAULIN ROMANOWSKI, Joana. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, [S. l.], v. 14, n. 41, p. 165–189, 2014. DOI: 10.7213/dialogo.educ.14.041.DS08. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/2317>. Acesso em: 02 jun. 2025.

Vygotsky, L. (1984). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

WOODWARD, Kath. *Identidade e diferença: uma introdução teórica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

ZAMBARO, Celina; HEILBORN, Maria Luiza. Gênero, sexualidade e saúde: os adolescentes nos discursos médicos e escolares. In: Junqueira, Rogério (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/UNESCO, 2012. p. 409–425.